

Que perguntas as feministas fazem à sua herança cristã?

IVONE GEBARA

A reflexão que fizemos sobre o significado atual do Cristianismo em sua complexidade e nos seus diferentes rostos nos prepara para abrir esse novo passo relacionado com o feminismo. O feminismo pode ser considerado não apenas uma crítica a racionalidade masculina da Modernidade, mas uma crítica aos conteúdos, simbologia e estruturas de poder das igrejas cristãs e de suas teologias. Não poderei expor nesta palestra todo o percurso da teologia feminista nos diferentes continentes e nem mesmo esboçar seus diversos passos na América Latina. Há artigos e livros disponíveis sobre esta evolução. Trabalhamos diferentes temáticas e problemas desde as hermenêuticas feministas da Bíblia até a construção de

Uma das perguntas fundamentais que as feministas fazem à sua herança cristã é sobre a simbologia masculina do cristianismo.

novos conteúdos inspirados em nosso tempo e na tradição ética do cristianismo. Hoje tratarei de uma pergunta fundamental na teologia feminista que de certa forma toca o conjunto da problemática levantada durante os quase quarenta anos de história deste pensamento. A importância desta pergunta é maior do que as respostas que possam ser dadas a ela. A pergunta nos convida a percorrer a história do cristianismo, sua estrutura conceitual e suas formas de poder até os nossos dias.

Uma das perguntas fundamentais que as feministas fazem à sua herança cristã é sobre a simbologia masculina do cristianismo. Como entender essa simbologia masculina? Em termos bastante simples a expressão da compaixão, da misericórdia, da acolhida dos outros, do sacrifício por causa da justiça, da partilha a partir dos marginalizados como valores que sustentam a vida se moldaram publicamente desde referências masculinas. E as referências masculinas sempre tiveram a ver com a afirmação de um “mundo perfeito, de um homem perfeito” que podem ser modelo buscado para nós. O homem perfeito Jesus de Nazaré origina-se de uma filiação e de uma vontade salvífica divina. Maria sua mãe se torna apenas o receptáculo de uma vontade divina.

Da mesma forma, os fundamentos da vida e da criação moldaram-se a partir de uma concepção masculina do poder criador e redentor “vindo de longe”, de “fora” da História. Se nos debruçamos por um instante sobre a centralidade cristã em torno da figura de Jesus reconhecido como o Cristo veremos o quanto esta centralidade é de fundo masculino. O problema não está nos valores que estão presentes em sua vida, mas na maneira como estes valores foram interpretados e apresentados à comunidade de crentes. O problema

está nas afirmações sobre Jesus como único filho de Deus, Deus ele mesmo, da mesma substância que o Pai, Criador de todas as coisas. Simbolicamente o masculino aparece como primeiro em Deus e o primeiro na figura masculina de Jesus. Neste sentido os valores que guiam nossa existência segundo a tradição cristã são valores que se apresentam como emanados do masculino ou que têm uma expressão e uma simbologia masculina, embora saibamos que não são necessariamente experiências masculinas. Entretanto, mesmo que se dêem interpretações mais femininas destes valores, as referências masculinas continuam fundadoras e fundantes no contexto patriarcal.

...o que se passa com o cristianismo não é um fenômeno original, mas apenas uma espécie de repetição em moldes religiosos da soberania masculina nas sociedades hierárquicas de tipo patriarcal.

Há portanto uma hierarquia de gênero na simbologia cristã identificada às figuras masculinas e à razão masculina. E esta hierarquia simbólica é, a meu ver, anterior às elaborações teológicas, visto que na cultura de cunho patriarcal o masculino, e Deus como masculino, se sustentam. E mais, os valores condutores da cidadania -como por exemplo o papel do governo e o papel do legislador, as pessoas que tem valor social reconhecido e as que não têm- aparecem com feições masculinas, visto que é aos homens que os lugares públicos foram reservados e é aos homens que a glória e a honra públicas foram e são ainda outorgadas de forma privilegiada.

Vemos assim que o que se passa com o cristianismo não é um fenômeno original, mas apenas uma espécie de repetição em moldes religiosos da soberania masculina nas sociedades hierárquicas de tipo patriarcal. Entretanto, o que é grave a meu ver é que como intelectuais e educadores somos capazes de afirmar a relatividade das diferentes produções culturais, mas não somos capazes de reconhecer a igual relatividade de nossas produções religiosas.

Continuamos a atribuir-lhes uma origem transcendental que se distancia do humano e até, as vezes, uma origem que se contrapõe a ele como se essa atribuição pudesse dar uma autoridade e um valor maior às nossas ações e visões. Estas atribuições são compreensíveis em outros tempos e outros momentos culturais, mas a persistência nesse esquema dualista pode ser bastante pernicioso. Nem sempre temos consciência de que somos nós seres humanos que criamos nossas epistemologias e nossas interpretações do mundo muito embora saibamos que o mundo é sempre anterior e maior do que a minha existência concreta.

A predominância pública da simbologia masculina nas culturas ocidentais dominantes é portanto anterior às elaborações teológicas visto que estas se organizam a partir de dados culturais. E, a cultura e política patriarcais, como sabem, sempre relegaram as mulheres a papéis secundários nas grandes decisões políticas e sociais, assim como nas produções do pensamento. A partir dessa situação, a simbologia da força, da coragem, do governo do mundo, da compreensão do mundo, do sacrifício até a morte se mostra prioritariamente com expressão masculina. Por isso, trabalhar a questão da simbologia é fundamental para a teologia feminista. Através dela poderemos perceber o quanto a absolutização de certos símbolos influi nos comportamentos cotidianos e os aprisiona num jeito de ser que acaba por excluir “as outras” do direito de expressar dissenso, de expressar alternativas de pensamento e até de criar uma nova simbologia.

Facilmente se acusa as mulheres de quebrar a tradição secular, de modificar as verdades da fé, de querer introduzir o relativismo na religião, de fragmentar a teologia em benefício próprio ou em benefício dos modismos da atualidade. Não será este mais um artifício dos detentores do poder teológico quer sejam de direita ou de esquerda para continuar mantendo as diferenças a partir das desigualdades

sociais e das desigualdades no exercício do poder? O discurso da diferença pode servir à inclusão e à desigualdade dependendo das situações.

Dizer que a simbologia é anterior às elaborações teológicas é afirmar a força da vida cotidiana, da cultura que herdamos e da que produzimos, dos sistemas de socialização e de educação que fizeram e fazem parte de nossa vida. As teologias nada mais são que expressões da cultura dominante e servem para manter os privilégios da cultura dominante. Por essa razão, o trabalho sobre as culturas dominantes com suas heranças passadas aparece como trabalho fundamental do feminismo em todas as partes do mundo. Trabalhar sobre a cultura não é deixar de lado as outras dimensões da vida, mas dizer que as outras dimensões inclusive a economia têm base na cultura. E as culturas mudam sempre, embora se queira manter que há realidades eternas, absolutas e imutáveis. Mas, a meu ver, o imutável é a mutabilidade da vida. E nessa mutabilidade precisamos começar por observar a história mais elementar e primitiva do ser humano na tentativa de resgatarmos algo de nossa experiência humana que de certa forma é anterior ao domínio patriarcal. Este é um caminho entre outros a partir do qual podemos entender a constituição simbólica do ser humano - mulher e homem - desde o princípio. É um caminho que nos convida à memória ancestral, à memória biológica que poderiam nos ajudar a refazer os caminhos do que se convencionou chamar de memória história muitas vezes mais masculina que feminina.

Algumas antropólogas feministas têm mostrado que do ponto de vista da experiência humana a Mãe é o primeiro Deus de cada criança. É dela que vem o alimento,

Dizer que a simbologia é anterior às elaborações teológicas é afirmar a força da vida cotidiana, da cultura que herdamos e da que produzimos, dos sistemas de socialização e de educação que fizeram e fazem parte de nossa vida.

a proteção, o carinho que permite a vida se desenvolver. Não é necessária a consciência racional para se vivenciar esta divindade primitiva e sem dúvida divindade não escolhida. Entretanto, num certo momento da vida das mulheres e dos homens essa divindade primeira transforma-se e volta-se para o masculino. Para os homens ela se rompe no momento em que o menino começa a identificar-se com a imagem paterna ou masculina. Toma distância em relação à mãe porque de fato na figura do pai ele se descobre diferente dela e passa a afirmar-se como diferente da mãe e semelhante ao pai. Enquanto que para a menina, a imagem da mãe persiste e não há rupturas significativas visto que a menina se identifica com a mãe não só como sua mãe, mas como sendo de seu gênero, um gênero que se constrói socialmente. Por isso, também a experiência religiosa segue marcada por essa imagem materna, muito embora nos processos de socialização religiosa se afirma Deus como Pai e se nega esta experiência inicial fundante. A divindade deixa de ser a mãe experimentada desde o princípio, visto que ela também se submete à imagem masculina de Deus, imagem dominante no mundo da cultura, da política e do poder religioso. Há uma ruptura entre a divindade próxima e a divindade distante, a divindade em nós e a divindade sobre nós. A divindade distanciada é vivida como distância física ou seja, distância espaço - temporal. A nova divindade ama de longe e, de longe pune, castiga, salva como se fosse uma lei superior sobre nós. Por isso há uma busca da vontade de Deus como uma vontade outra, superior, diferente, maior e melhor do que a minha, à qual a minha deve se submeter. E além disso, há uma culpa que se desenvolve decorrente da impossibilidade de aceder a essa vontade no cotidiano da vida assim como uma tensão contínua para se descobrir essa vontade superior.

A imagem de Deus dominante é ligada a um complexo e diversificado contexto histórico de encontro entre povos, de conquistas mútuas, de guerras, de processos de paz que se faziam mais ou

menos fora de casa. Desde a afirmação da realeza no mundo judeu se pode perceber como o Deus do Rei acompanha suas conquistas e as conquistas do rei influenciam seu povo e sua casa. A força sustentadora e protetora da vida toma uma forma masculina e expressa a pretensa superioridade masculina na guerra e na conquista e até a superioridade da guerra como meio de relação entre os povos. Mas, não apenas isso, expressa também a superioridade do rei em fazer justiça, em fazer o bem, em cuidar de seu povo, em não permitir que os inimigos se apossassem dele, em ser fiel a seu povo e assim por diante. Esta mesma experiência é transportada para Deus como se este ser superior ou o próprio mistério criador da vida possuísse as qualidades que se requer do rei. Deus é bom e justo, é juiz e Pai. E, justamente porque ele possui estas qualidades de forma absoluta que o rei torna-se o primeiro servidor de Deus entre o seu povo. Então, por analogia se vai dizer que Deus nos ama primeiro, Deus nos ama de forma incondicional, que Deus é sempre fiel, que seu amor e sua justiça são eternos. Deus é personalizado a partir da figura poderosa e protetora do rei que precisa sempre ser reconhecido como justo, bom e perfeito. Mas, o que significam hoje estas expressões em relação à nossa atual vivência? Como as traduzimos de maneira

A imagem de Deus dominante é ligada a um complexo e diversificado contexto histórico de encontro entre povos, de conquistas mútuas, de guerras, de processos de paz, que se faziam mais ou menos fora de casa. Desde a afirmação da realeza no mundo judeu se pode perceber como o Deus do Rei acompanha suas conquistas e as conquistas do rei influenciam seu povo e sua casa.

existencial no nosso cotidiano? Como torna-las experiências significativas para nós ou simplesmente permitir que sejam experiências de outros tempos e de outros grupos? Não haveria outras experiências mais significativas e ajustadas ao nosso espaço e tempo?

É bom ter presente que estes mesmos comportamentos psicológicos, sociais e políticos podem ser verificados, quando Constantino se torna cristão e com ele todo o Império Romano. A figura de Jesus é identificada à do Imperador ou a do Imperador à Jesus. Ele se torna o rei celeste e o rei do universo enquanto que o imperador é o rei temporal e aquele que de fato e de direito tem o poder sobre seus súditos. Jesus, em sentido político, é a fachada de um poder maior que domina o povo e as consciências. E como diz bem Espinosa a política é inseparável da teologia e da religião. Por isso, para ele, os cristãos imitam a teologia judaica e repetem seu passado transformando a lei do amor e da liberdade escrita nos corações individuais em “tábuas da lei”, tábuas visíveis para todos. A visibilidade da lei e do legislador capaz de punir todas as faltas de observância apesar de sua utilidade e necessidade pode se tornar igualmente fonte de opressão. Quando o amor se transforma em código legalista corre o risco de ser esquecido como amor e ser apenas afirmado como lei a ser obedecida ou comportamento a ser imitado. As conseqüências nefastas deste comportamento são muitas. Basta que olhemos nossa história passada e nossa história recente no que se refere à intransigência das instituições diante de certas demandas femininas.

Os desejos de dominação ocultos sob o impulso imitativo provocam o desprezo e o medo do presente. Por isso é mais fácil ater-se numa experiência passada e interpreta-la conforme as nossas necessidades do que nos perguntarmos sobre os sentidos de nosso presente a partir daquilo que estamos vivendo.

Para voltar e reafirmar a hipótese de trabalho que venho desenvolvendo, é importante lembrar que a experiência da Mãe como primeira divindade é tão fundamental para qualquer ser humano que encontramos por exemplo no judaísmo a expressão “Deus misericordioso”. A palavra misericórdia vem de *rahameen* sendo que *rahem* é útero. Deus identifica-se com o útero feminino para exprimir sua proteção e salvação. Por isso, se diz que “Deus é *rahoom*” ou seja é aquele que protege e salva. Na mesma linha está a palavra feminina *shekinah* que significa *morar em*. Deus mora em nós assim como a criança mora na mãe.

*Os desejos de
dominação ocultos
sob o impulso
imitativo
provocam o
desprezo e o medo
do presente.*

Estas expressões que saem do mais profundo da experiência humana revelam que a experiência espiritual patriarcal repousa numa matriz feminina não reconhecida e que esta, por sua força interior, se expressou de alguma maneira apesar do controle e do desprezo que se teve dela. Entretanto, essas imagens femininas não parecem contribuir para a beligerância da sociedade patriarcal e por isso tenta-se esquecê-las ou até, apagá-las da memória coletiva. A sociedade patriarcal necessita de hierarquias, de oposições, de provocações de guerra, de sacrifícios acrescentados à vida para manter-se. Por isso, se entende que apesar dessas irrupções femininas no judaísmo a tendência vencedora foi a da guerra aos chamados inimigos, a vitória do Senhor dos exércitos e não a convivência negociada no interior do *rehem* maior, ou seja da Terra na qual vivemos.

O tempo dos Impérios e das justificações supra-terrenas dos poderes não terminou em pleno século XXI. Parece que continuamos a necessitar desta forma patriarcal e imperial de afirmar o poder e os valores nos quais acreditamos. Precisamos ainda dos mundos perfeitos e dos ideais celestes para fundar o amor e o respeito que é urgente acordar entre uns e outros. Precisamos dos mundos ideais para

...a mudança das estruturas de sustentação econômica do mundo depende em grande parte da mudança de nosso horizonte simbólico cultural e portanto da compreensão que temos de nós mesmos.

continuar as guerras santas do ocidente contra o oriente e do oriente contra si mesmo. Precisamos ainda crer que temos uma missão dada por Deus e descreer cada vez mais da força de comunhão e paz também presente em nossas entranhas.

Por essa razão, muitas feministas acreditam que a mudança das estruturas de sustentação econômica do mundo depende em grande parte da mudança de nosso horizonte simbólico cultural e portanto da compreensão que temos de nós mesmos. No fundo, falamos de democracia, de vontade popular, de socialismo, mas na realidade estas novas formas de compreensão e de vivência social se dão nas antigas formas hierárquicas consagradas pelas religiões patriarcais e muito particularmente pelo cristianismo. Se, por exemplo, elegemos alguém para governador ou presidente da república na realidade não elegemos uma forma de participação popular no governo, na condução dos problemas, na divisão dos bens. Continuamos a nos fixar na pessoa escolhida como se ela fosse um antigo soberano de cujas mãos sairão benefícios mágicos para o povo. O mesmo procedimento pode ser verificado nas igrejas quando elegem seus líderes.

Creio que isto tem a ver com uma teologia política a serviço do poder como já pensava Spinoza no século XVII. Para ele a teologia é uma poderosa forma de subjugar o povo usando-se o nome de Deus, muito embora o conceito Deus, tenha pouca consistência do ponto de vista experimental.

Algumas tendências do feminismo teológico têm denunciado direta e indiretamente esse anacronismo religioso que atravessa a política e as nossas crenças religiosas atuais. Mas, diante da miséria cultural e

econômica na qual nos encontramos, a crença na intervenção das forças de “outro mundo” aparecem como as únicas com as quais os miseráveis podem contar. E justamente o crescimento das religiões patriarcais e de um espírito mágico tem a ver com o crescimento da concentração do poder, do conhecimento e da riqueza nas mãos de poucos enquanto que a miséria e a pobreza crescem em meio às grandes massas. Os grandes poderes e as massas empobrecidas se tocam na mesma afirmação da necessidade de um poder hierárquico dominador. E os que estão no meio vivem dessa mesma cultura de dominação.

Tudo isso tem a ver também com o crescimento da produção de armas e sua distribuição entre os diferentes grupos sociais. A solução pelas armas passou a ser a solução da esquerda e da direita. Passou a ser a solução dos pobres e dos ricos. Passou a significar a destruição da humanidade por ela mesma. A simbologia da guerra, do sacrifício, dos homens e mulheres bomba, dos soldados que morrem pela liberdade, das intervenções que se fazem em nome da democracia para os povos são expressões dessa religião patriarcal que subsiste de diferentes formas em nossa cultura global. Hoje esta religião tem uma forte expressão nas instituições mantidas por Estados fortes e por Estados aparentemente fracos.

A persistência da simbologia masculina no cristianismo apesar dos mais de 35 anos de ativa teologia feminista nos permite afirmar que as mudanças de conteúdo teológico e a expressão simbólica desses conteúdos se transformaram muito pouco sobretudo do ponto de vista institucional. E mudaram pouco porque as formas hierárquicas de dominação persistem e as formas de manutenção de privilégios acentuam-se sutilmente, embora tenhamos crescido bastante em consciência e em algumas ações coletivas significativas.

Creio que as crenças e as expressões simbólicas mais significativas têm a ver com a diversidade de experiências que acontecem nos nossos corpos. Então, cabe perguntar: o que passa em nossos diferentes

*© que acontece em
meu corpo quando
tenho que esquecer
minha história
presente e afirmar
outra história...*

corpos quando é o outro de gênero diferente do meu se torna rosto de Deus, mediador da salvação, caminho e verdade para minha existência? O que passa com nossos corpos quando aqueles que detêm o poder social legislam sobre meu corpo a partir de seu gênero diferente? O que acontece em meu corpo quando tenho que esquecer minha história

presente e afirmar outra história como regra a ser seguida para minha existência? Essas são algumas perguntas que as mulheres fazem e não se pode mais responder a elas com uma falsa argumentação dizendo que esta é a vontade do Criador e Salvador. Ou, não se pode mais responder como fazem os teólogos que cada um e cada uma têm que ser valorizado segundo as suas diferenças. Aqui também há uma reflexão a ser feita. O que acontece quando ao se fazer um discurso sobre a diferença se quer reduzir toda a criatividade e todas as expressões salvíficas a um modelo único masculino reconhecido como único caminho? O que acontece nos corpos femininos que perdem a divindade materna e sororal como referência e têm que se ajustar à vontade beligerante do pai ou do irmão? O que acontece com nosso amor social quando todas as nossas iniciativas devem se submeter às formas oficiais da caridade?

As perguntas não faltam, faltam apenas respostas significativas que a maioria das instituições religiosas não soube dar ou não quer dar, apesar do trabalho das teólogas feministas. Por isso é bom lembrar que enquanto a teologia feminista trabalhou na introdução tardia das mulheres na história da Igreja, no reconhecimento de sua ação na Bíblia, enquanto incluiu as mulheres, embora muitas vezes forçando certos conceitos, na teologia feminista ficou algo importantíssimo ainda por fazer. E este algo é o trabalho sobre a construção de uma simbologia feminina pública não só na sociedade, mas em nossas comunidades religiosas.

Sem dúvida, o êxito e apreço de muitas teólogas e pastoras em suas igrejas se devem à sua produção intelectual e desempenho pastoral. Mas, além disso este reconhecimento se deu porque mesmo utilizando linguagem inclusiva, não foram reconhecidas como ameaças ao padrão estabelecido. Aquelas que foram consideradas ameaças foram rapidamente convidadas a tarefas de menor impacto ou simplesmente conduzidas a um discreto ostracismo no interior de suas igrejas. Estes comportamentos podem ser observados quando teólogos e pastores emitem juízos sobre algumas teólogas. As teólogas são interpretadas de conservadoras, revisionistas, de direita, de centro, de marginais, de culturalistas e outros qualificativos por parte dos homens sempre que há uma recusa em enfrentar a problemática da desconstrução dos conceitos teológicos e da criação de uma simbologia mais inclusiva de nossa realidade de mulheres e homens. Esta constatação não quer inocentar as teólogas de seus erros e coloca-las numa espécie de redoma de perfeição. Apenas tento expressar um jogo de forças políticas no interior das teologias.

Vale acrescentar, no final desta reflexão, que a corrente pós-colonialista que se desenvolveu particularmente na Europa e nos Estados Unidos nos últimos 25 anos tem dado bastante ênfase ao trabalho de valorização das diferentes culturas a partir delas mesmas, isto é, sem a interferência, por exemplo, da chamada cultura cristã para que esta autorize o reconhecimento de seu valor. Creio que este trabalho ainda não foi feito pelas mulheres elas mesmas e nem em relação às mulheres nas diferentes igrejas cristãs. Continuamos de certa forma, colonizadas. E esta colonização é devida sobretudo ao choque psíquico e social a que nos submetem as instituições que nos socializaram e, entre elas também, as igrejas com sua forte autoridade fundada em uma divindade patriarcal. Parece que somos apenas filhas de um Pai celestial e somos órfãs de mães. Trata-se de uma orfandade cultural, simbólica e política como se mostrássemos nossa filiação religiosa apenas a partir da figura de um Deus masculino.

Há bem pouco tempo quando uma criança não tinha pai reconhecido era chamada de filho ou filha natural. O nome da mãe contava pouco. Na ausência do Pai a criança vira filha ou filho da natureza. Do ponto de vista teológico trata-se de apagar a filiação materna e acredita-se que através da mesma paternidade espiritual se daria uma unidade entre os seres humanos.

Nós mulheres, muitas vezes temos a impressão de sermos sempre para os outros e de vivermos num mundo que existe para os outros. E mais sentimo-nos interpretadas por outros, legisladas por outros, controladas por outros, salvas por outros como se não tivéssemos capacidade de afirmar a nossa própria existência de forma autônoma e ao mesmo tempo relacional.

Não estou propondo a separação entre o mundo das mulheres e o dos homens e não estou afirmando que as mulheres conhecem o caminho de liberdade e cidadania por onde todos têm que caminhar. Estou propondo sim uma revisão de nossos conceitos, uma revisão de nossas análises, uma compreensão mais humilde de nossas possibilidades humanas afim de tornar o nosso mundo uma casa agradável para viver. E para isso, temos que coletivamente visitar nossos conceitos, nossos símbolos maiores e menores, nossas organizações eclesiais para ver em que medida, poderemos plantar uma semente que possa germinar com uma qualidade humana diferente, uma qualidade capaz de ser a imagem da árvore que acolhe sobre seus galhos os mais diversos pássaros e as mais diversas borboletas. Esta tarefa não é só das mulheres. É uma tarefa de mulheres e homens em conjunto para fazer nascer outras relações humanas. Este é o desafio que lançamos às igrejas: a igualdade e o respeito nas relações entre mulheres e homens e na elaboração de novas teologias é responsabilidade masculina e feminina. Esta é uma tarefa de todas/os nós para o presente século XXI.